

ESPAÇO JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS

Organização: CLAUDEAR CANJO

O FASCISMO SEGUNDO UMBERTO ECO

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

Escritora, membro da Academia de Letras do Brasil - (Brasília-DF)
veraluciaoliveira@hotmail.com

Como homenagear Umberto Eco (1932-2016) nos seus noventa anos? Como falar desse autor gigantesco, ícone da cultura mundial? Como escolher dentre suas obras saídas de mente tão brilhante a mais expressiva? São muitas indagações...

Para resolver o nosso dilema optamos pela atualidade (infelizmente) do seu manual antifascista *Fascismo eterno* (RJ: Record, 2020) – inserido originalmente em *Cinco escritos morais* (1997) – pequeno livro de grandes ideias, no qual vemos o alcance do pensamento político-filosófico do autor que transitou com desenvoltura pela ficção (*Quem não conhece O nome da rosa?*), pelo ensaio, pela crítica literária, pela mitologia e semiologia. Agora, nessa oportuna reedição, temos a chance de atentar para os perigos do fascismo que, como o ovo da serpente, só espera um pequeno toque para quebrar a casaca e, *pufl!*, nascer o filhote. Esse é o momento delicado por que o mundo passa, e mais uma vez se vê ameaçado, pois

O Ur-Fascismo, ou o fascismo eterno, ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis. Seria muito confortável para nós se alguém surgisse na boca da cena do mundo para dizer: 'Quero reabrir Auschwitz, quero que os camisas-negras desfilem outra vez pelas praças italianas! Infelizmente a vida não é tão fácil assim! O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é

desmascará-lo e apontar o dedo para cada uma de suas novas formas – a cada dia, em cada lugar do mundo.

Eco observa que o fascismo italiano não tinha uma filosofia, tinha apenas uma retórica. Mussolini, ateu, faz acordo e confraterniza com bispos da igreja católica, num momento em que Deus devia estar distraído, diz o autor. E acrescenta: o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que dominou um país europeu, tornando-se uma espécie de arquétipo, pois foi "o primeiro a criar uma liturgia militar, um folclore e até mesmo um modo de vestir", com mais sucesso internacional do que seus renomados estilistas – como o Armani –, com movimentos desde a Inglaterra e Alemanha, passando por todo o leste e norte europeus, indo até Portugal e América do Sul. Ou seja, um "sucesso"! Por quê? Porque acenou com interessantes reformas sociais e como alternativa moderadamente revolucionária à ameaça comunista. Mas o que melhor define o fascismo é a falta de essência, pois era um amálgama de ideias totalitárias da monarquia e revolução, o que em si já é um espanto, como esclarece Eco:

O partido fascista nasceu proclamando sua nova ordem revolucionária, mas era financiado pelos proprietários rurais mais conservadores, que esperavam uma contrarrevolução. O fascismo do começo era republicano e sobreviveu vinte anos proclamando sua lealdade ao Imperador.

O fascismo estendeu seus tentáculos por todos os segmentos sociais, de um desejo de ordem maníaca a uma imposição nas artes, o que nem todos perceberam, por exemplo no Futurismo de Marinetti – artista italiano que pregava uma modernidade perigosa, apoiada na guerra como higiene do mundo. Celebrou a violência, o soco, semelhante ao culto fascista da juventude. Fez barulho na Europa e no Brasil (mesmo retardatário), com adeptos entusiasmados, exceto Mário de Andrade que o recusou. Marinetti, não! Disse ele.

O fascismo tem muitas faces. O arguto professor Umberto Eco lista 14 características do que chamou de Ur-Fascismo, ou fascismo eterno, muitas delas contraditórias, podendo fazer parte também de outras formas de despotismo, "mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma 'nebulosa fascista'", observa. São elas:

1. *O culto à tradição*, cuja origem remonta ao fim da idade helenística como reação ao racionalismo grego, passou pela contrarreforma católica após a Revolução Francesa (1789) e aninhou-se nas línguas mortas, nos hieróglifos egípcios, nas ruínas dos celtas, nos textos sagrados ainda desconhecidos da Ásia, mostrando que "não pode haver avanço no saber", uma vez que toda a verdade já foi enunciada e só nos cabe interpretar sua obscura mensagem. Palavras do senhor Eco. Ou seja, o verdadeiro conhecimento está oculto no passado, encontra-se somente nos sábios antigos, nos manuscritos guardados a sete chaves.

2. *A recusa da modernidade*, sobretudo no espírito iluminista e da idade da razão de 1789, considerados como "início da depravação moderna". O que o autor chama de irracionalismo.

3. *A ação pela ação*, ou seja, primeiro agir, depois refletir, pois há uma beleza na ação em si mesma. Para o fascismo: "Pensar é uma forma de castração. Por isso, a cultura é suspeita na medida em que é identificada com atitudes críticas.". Como teria dito Goebbels: "Quando ouço falar em cultura, pego logo na pistola.". Há um ódio aos intelectuais e à universalidade como ninho de comunistas, à cultura moderna, acusada de abandonar os valores tradicionais.

4. *O desacordo é traição*. Não pode haver distinção, diferença, que é o princípio ativo para o avanço do conhecimento da cultura moderna. O fascismo não tolera críticas.

5. *Oracismo por definição*. O fascismo não tolera desacordo, muito menos "intrusos", por medo da diferença, da diversidade.

6. *A frustração*. Em geral, o Ur-Fascismo provém da frustração das classes médias que se sentem humilhadas, desvalorizadas, assustadas por crises econômicas; nessas



classes, encontra o seu auditório, diz o autor.

7. *O nacionalismo*. O Ur-Fascismo considera como único privilégio ter nascido no mesmo país. E, para assegurar a identidade nacional, é preciso inimigos estrangeiros, daí a *xenofobia* e a *obsessão de conspiração*, de preferência internacional, ou dos judeus em geral, "porque oferecem a vantagem de estar, ao mesmo tempo, dentro e fora."

8. *Os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes e fracos demais*. Isso ocorre porque os adeptos do fascismo são incapazes de avaliar objetivamente a força do inimigo. Supervalorizam a sua riqueza, que os humilha, como a riqueza dos judeus, por exemplo.

9. *O pacifismo é conluio com o inimigo*. O pacifismo é mau porque a vida é luta permanente. Não há vida para a luta, mas "vida para a luta". Diz Eco que o fascismo não conseguiu resolver a contradição da luta para atingir um estado de paz, uma idade de ouro.

10. *O elitismo*. Aqui, ele desenvolve o item mostrando que este é típico de toda ideologia reacionária, bem como a ideia aristocrática e militarista de desprezo pelos fracos; e da força do líder sobre a debilidade das massas, que necessitam de um "dominador", a quem ele, no entanto, despreza.

11. *Cada um é educado para ser um herói*. Como no Ur-Fascismo o culto do heroísmo é a norma, o mote dos falangistas era: *¡Viva la muerte!*; o herói aspira à morte como recompensa por sua vida de sacrifícios. (Em geral, causa a morte dos outros.)

12. *Machismo*. Nesse item, Eco associa a vontade de poder com as questões sexuais. Assim, estão presentes o desprezo pelas mulheres e todo tipo de intolerância com "hábitos sexuais não conformistas, da castidade à homossexualidade. E, em linguagem freudiana, isso

se deve a uma *invidia penis*."

13. *O populismo qualitativo*. Aqui, o povo é apenas uma ficção teatral, pois "os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos, e 'o povo' é concebido como uma qualidade, uma entidade monolítica que exprime 'a vontade comum', necessitando do líder que a representa." E acrescenta que, modernamente, desenha-se um populismo qualitativo de TV ou Internet, no qual a resposta emocional de um grupo selecionado de cidadãos pode ser apresentada e aceita como a "voz do povo". Desse modo, o fascismo se opõe ao parlamentarismo, como se viu, por exemplo, num dos pronunciamentos de Mussolini no parlamento italiano: "Eu poderia ter transformado este salão surdo e cinza em um acampamento para meus regimentos."

14. *O Ur-Fascismo fala a "novilíngua"*. Reportando à obra de George Orwell, *1984*, Eco chama a atenção para a pobreza dos textos escolares com léxico e sintaxe elementares, evitando raciocínio rico e complexo, numa escolarização mínima, rasteira, produzindo o que chamamos de analfabetos funcionais, incapazes de decifrar o mundo.

Umberto Eco conheceu o horror do fascismo e da guerra na sua Itália ainda criança. Viu as fotos do Holocausto, antes de conhecer o seu significado, como disse. Conheceu depois o significado moral e psicológico da Resistência. Defendeu a liberdade, a democracia, os direitos humanos como valores de uma sociedade justa. Nesse ensaio, mais que necessário, a mensagem é clara: devemos desmascarar o fascismo, ficar atentos para que a palavra "liberdade" não perca o sentido, não seja esquecida; e fiquemos atentos também a todas as formas de vestimentas do fascismo: fardas, camisas-negras, trajes civis – ou ainda uma inocente bandeira.

defato.com

DIREÇÃO GERAL: César Santos
DIRETOR DE REDAÇÃO: César Santos
GERENTE ADMINISTRATIVA: Ângela Karina
DEP. DE ASSINATURAS: Alvanir Carlos

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com TWITTER: @jornaldefato_rn | REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE: Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160
TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró) | COMERCIAL/ASSINATURAS: (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685

